Anno 1.º — Numero 2

Guimarães, 8 de junho de 1907

ALVORADA

SEMANARIO

Director e proprietario — A. L. de Carvalho

Redacção e administração — R. N. do Commercio

Composição e impressão: Typ. Minerva Vimaranense — Rua de Payo Galvão

O discurso do snr. João Franco

No discurso ultimamente proferido pelo presidente do conselho num dos seus Centros, em Lisboa, teve elle a franqueza e desplante de affirmar que, faltando-lhe o apoio do partido progressista e não podendo obter do paiz, sem o auxilio d'algum outro partido, a maioria necessaria para poder governar com o parlamento, só um caminho tinha a seguir e seguiria emquanto o apoio da Corôa lhe não faltasse — era a dictadura.

Isto é, como não tem o apoio do paiz, como o povo o repelle e repudia, viverá unica e simplesmente da força ficticia e mentirosa que a Corôa lhe dá contra o paiz a que ella, não obstante, por imposição constitucional, tem o dever, a obrigação impreterivel de acatar e respeitar.

A isto se chegou. O chefe do governo, declarando numa assembléa politica do seu partido que não póde governar com o parlamento porque o paiz se fosse consultado pelos seus collegios eleitoraes lhe negaria a maioria indispensavel para isso, confessa assim, implicita e inilludivelmente, que o povo portuguez nenhuma confiança tem nos seus elixires maravilhosos nem nas suas promessas messianicas. E, no entanto, o homem que o paiz repudia continúa presidindo ao governo da nação! E' assombroso, mas é verdadeiro. Elle proprio o confessa.

Mas isto já vem de longe. E tanto assim é, que elle, no mesmo discurso, allega, decerto como circunstancia attenuante, que o partido progressista que ainda ha pouco o apoiava, nunca respeitou o parlamento e que ainda na sua ultima situação, tendo uma grande maioria parlamentar, o addiou, encerrou e dissolveu por motivos futeis e irrisorios. Da mesma fórma tem procedido o partido regenerador, ambos elles teem feito dictaduras que ficaram celebres, ambos elles teem governado sem o apoio do paiz e contra o paiz.

E foi mesmo por estas razões que o actual presidente do conselho com as suas promessas de nova vida, de regeneração politica, de legalidade de governo, pôde conseguir uma certa corrente de sympathia quando foi chamado para cumprir o seu altisonante programma.

Mas, que fez elle das suas promessas? Renegou-as ou eram sinceras? Ou fosse por um ou outro motivo o que é certo é que o programma falhou e falhou desastrosa e vergonhosamente. Ficaram desilludidos os poucos ou muitos que por ingenuidade se tinham deixado arrastar pelas suas palavras promettedoras. E desenganado deve estar e está com certeza o paiz inteiro de que os homens de algum valor que ainda defendem o regimen estão gastos e liquidados porque todos os conhecem já, e porque todos estão definidos e julgados ha muito pela opinião publica.

Bohemia jornalistica

Eu não sei explicar a influencia da musica na psycologia humana. Alguem lhe chama uma virtude, eu não lhe chamo coisa nenhuma, reconhecendo-lhe todavia um extranho poder d'atracção. Ella é linguagem Universal... Os selvagens apreciam-na doidamente, a civilisação chama-lhe divina arte.

Porém, eu não vou fallar-lhes d'alguma composição celebre, ou apreciar os extasis d'agum violino. Não. A minha ideia é puramante outra.

*

Um dia da semana, espreitando uma aberta de bom tempo saem para as ruas as philarmonicas do sitio. O hymno da nação rompe, e os foguetes *fendem os ares*, como se diz em estylo obrigado. Com as musicas o rapazio avança, trauteando o hymno da Outhorga, cadenciando o passo, arriscando o começo d'uma manifestação.

O povo, o soberano, aquelle que fórma a inconsciencia collectiva, aquelle que corre atraz de todas as librés, falhou ao preparado regosijo.

Foi por senso? Nada d'isso.

Falhou porque as manifestações para serem completas entre a massa que vive sem paixões, sem ideias, devem ser feitas á noite, entre os fumos do vinho, dos agitadores, e dos archotes.

*

Abaixo o calote! devia ser o grito.

—E' que as musicas que na sexta-feira percorreram as ruas da cidade, eram annunciativas d'um decreto chamado «cobrança das pequenas dividas» e sobre o qual eu não sei opinião nem faço politica.

...O calote entregue ao juiz de paz, o caloteiro a contas com a cadeia.

Bravo! Agora é que ellas se ajustam; muito bem!

—Senhor juiz de paz! em tempo de guerra não se limpam... as pennas. Paz á minha fazenda, guerra aos *cães*. Oh! julgavam elles que era só metter o dente. Ora acceitem lá este *cheque*. Querelle este, meu senhor, que se sentou á minha meza; intime est'outro que vestiu da minha loja.

O calote que teve foros de fidalguia, o calote que fez burguezes, ministros, reis, o calote que engravatou a plebe, que deu bailes, que fez as praias; o calote que riu da bôa-fé, que poz em duvida o credito, que arruinou a tenda, que roubou o somno; o calote, emfim, que inventou o eterno amanhã do— «Hoje não se fia amanhã sim...» vae dar á costa, vae pagal-as todas!

Olé se vae.

*

Oh! com mil macacos! — o senhorio... Vou dizer-lhe pela 3o.ª vez, que venha logo.

AS FESTAS DA CIDADE

Sempre gostamos de ver que em volta d'uma ideia generosa muito ruido se fizesse, e mais ainda, quando essa ideia se desdobra em festas. O ruido da discussão provoca a febre dos planos, e se os planos são uma forma incompleta d'adhesão, são todavia, um symptoma evidente d'applauso.

Depois, applaudir é incitar a alguma coisa; eis porque alguma coisa se aproveita em estabelecer ruido, discussão em volta d'estas festas.

*

Uma terra só é grande quando n'ella reside alguma força productiva. Esta é representada pela agricultura, pela industria, e consequentemente pelo seu commercio. Não ha terras pequenas quando estes factores de vida constituem o apanagio da sua população. Uma terra é interessante pelos seus monumentos, pela conservação das suas tradicções, pela hospitalidade dos seus naturaes, mas tudo isto se encontra flagrantemente revelado pelo estado progressivo do seu trabalho. Esses são os melhores brazões para mostrar aos visitantes, os melhores atractivos para deter os forasteiros.

Dêem-lhe touradas com bom *cartel*... aonde se marre a civilisação, accendam-lhe luminarias nos olhos e levem-lhe assombros p'ras ruas; confundam-no em arraiaes alegres e enebriem-no em feira farta; dêem-lhe, emfim um programma suculento e uma lista magra (!) e a impressão será esta:—em Guimarães gosa-se!

Pois bem; pinte-se Guimarães com o vermelho das festas, mas aproveite-as para colorir uma exposição das nossas faculdades manufactureiras, industriaes e artisticas, e o forasteiro, sem querer, reservar-nos-ha outra impressão mais lisongeira: — em Guimarães trabalha-se!

*

Illustre commissão das festas: ahi vos mandamos um plano, que sabemos não ser nosso, mas acceitai-o, pois está ainda em bom uso.

O decreto, a que o governo recorreu para terminar o conflicto academico, obriga os alumnos das escolas superiores — á ignorancia e á inconsciencia... Mas, entre nós, o estudo é o menos: o que importa é a bacharelice, embora servil. Anda o governo com logica.

OS CAIXEIROS E A DICTADURA

«Dois jornaes d'esta classe, «O Caixeiro» e «O Caixeiro do Norte» andam divergentes. Um protesta contra a dictadura e não lhe acceita os fructos—ainda que bem sazonados. Outro é-lhe indifferente o systema porque só uma coisa o preoccupa: — o decreto do descanço.

Com o primeiro vive uma opinião virtuosa. E' o espirito.

Com o segundo anda um egoismo vulgar. E' o instincto.

Pois entre estes dous quereres, joga-se no fundo, a mesma necessidade; ambos aspiram a promulgação da lei, porque ambos estão sequiosos de reivindicar um direito para a classe que representam. Sómente descobrimos que, com os primeiros, com aquelles que desejam, mas só por um modo lealmente politico o desejam, com esses, outra necessidade mais alta se levanta: é a necessidade de salvaguardar um direito civico, e, o que é mais, um direito entrado nos dominios da historia.

Quem tem razão?

Quem a não tem?

...Eu não sei. D'um lado vejo milhares de creaturas exaustas ululando, descanço! descanço! D'outro lado prescuto a alma de muitos homens gritando, ideal! ideal!

Manifestamente invocam os segundos uma necessidade a mais, e é collectiva. E, se esta psycologia não tem, como entendo, um caracter estreitamente politico, é a estes que cabe em verdade o prestigio da razão.

Alguem me interpellará: mas a essas creaturas que tu reconheces exaustas de pedirem liberdade, a essas victimas que soffrem no isolamento o prazer da liberdade... o sol, o ar, a luz, a vida, será licito dizer ainda que esperem?! E' doloroso, concordo! Mas, se não esperar, em tal caso, comprehende uma exauctoração patriotica, espere-se, por brio, por pundonor. A dictadura é a negação do parlamento. O parlamento é o povo, a dictadura é o rei. Rei e povo são duas vontades antagonicas, incomprehendidas. Se uma vez se encontram, uma vez mais se separam. Tal é, em meu ver, a situação das coisas. Os caixeiros recebendo em dictadura a lei do descanço, (lei justa, lei humana) applaudem implicitamente a restante obra do governo dictador.

Pois que moral nos manda receber, embora um alto beneficio, provindo este d'um meio condemnavel? Mas não será a dictadura um processo de governação abominavel?

Póde resultar a sua acção, be-

nefica, proveitosa, util; póde! Mas nós não devemos abdicar das conquistas constitucionaes, não devemos retrogradar ao seculo XVI, não devemos acceitar vantagens á custa d'um mau exemplo!

A um governo de dictadores, (ainda que de bons dictadores) a primeira coisa que se deve pedir é—o de não governar. Todo o poder constituido deve, em bôa logica, representar uma forma electiva, e essa reside no suffragio universal. Tudo o mais, é estar sujeito aos caprichos das camarilhas.

Acima dos interesses de classe, acima da vossa qualidade de caixeiros, vós, deveis collocar a vossa qualidade de cidadãos portuguezes.

A nação não é a classe dos caixeiros, para que, o patrimonio politico d'um povo esteja á mercê dos seus interesses de classe. Eis porque applaudo aquelles que esquecem orgulhosamente, altivamente um interesse proprio, por um interesse social.

*

Escrupulos de crentes, dirão elles, e accrescentarão que a epocha vae má para os manter, quando para os manter, como n'este caso, importa um sacrificio grande. Seja. Mas dos fracos não conta a historia.

*

A Associação dos Caixeiros da Guarda, o Atheneu Commercial de Coimbra e o Atheneu Commercial de Lisboa, resolveram não acceitar em dictadura o decreto do descanço dominical.

Nem tudo é estomago... nem tudo é lixo.

Chronica de Pierrot

Do orgão nacionalista lisbonense, de 4 do corrente, nos seus echos:

«Grandes estadistas, insignes politicos...

E' assim que a tuba canora dos orgãos officiosos das varias aggremiações partidarias exalça a personalidade dos seus chefes. São sempre homens politicos de envergadura descommunal; estadistas de largas vistas profundissimas, cerebros geniaes onde brotam ideias formidaveis de grande, de immenso, de incommensuravel alcance politico. E temos muitos. E' abrir os jornaes: raro é aquelle que pelo menos não aponta um ao respectivo fetichismo partidario.

Agora olhem para o paiz. Vejam o estado em que o puzeram esses immensos, geniaes, famosos estadistas. Não dá vontade da gente desejar antes politicos acanhados, myopes, unhas de fome, que saibam melhor lêr e meditar as verbas orçamentaes, do que arranjar as sybilinas maquinações productoras da transferencia de um escrivão de fazenda, ou da demissão de um regedor de parochia? Porque a verdade é que no que toca á vida politica interna da nação, os nossos eximios estadistas em pouco mais teem gasto as luminarias do seu genio, do que n'estas coisinhas e n'outras de jaez mais ou menos igual.»

—Achamos que é sufficiente a transcripção, nada mais devemos accrescentar.

—

Dia a dia, augmenta o numero das camaras municipaes que se manifestam contra a dictadura. Assim, além de muitas outras ha a accrescentar as seguintes:

Batalha, Alvaizere, Peniche, Pedrogão, Figueiró dos Vinhos, Porto de Moz, Povoa de Varzim, Vallongo, Felgueiras, Louzada, Paços de Ferreira, Paredes, Gaya, Bouças, Maia, Oliveira d'Azemeis, Arronches, Crato, Niza, Gavião, Souzel, Elvas, Rezende, Macedo de Cavalleiros e algumas do districto de Leiria.

Somma e segue...

Campos Lima

—

A questão da Universidade

(Depoimento d'um estudante expulso)

Lisboa—Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira & C.ta, Praça dos Restauradores, 20—1907.

Foi ultimamente publicado este livro que é um bello depoimento sobre a questão academica.

Elle falla justo, elle grita bem alto. Só aquelles que por uma requintada malvadez não querem ver, só aquelles que por uma torpe politiquice não querem ouvir, e só esses, é que não vêem onde está a verdade e não ouvem a voz da justiça. Como em toda a parte de Portugal, aqui em Guimarães, a questão academica deu assumpto para muita discussão, e, como era de prever, dada a politica predominante nessa gente, as opiniões na sua maioria não eram favoraveis a esses rapazes, que n'um impulso generoso se levantaram unanimemente num protesto digno, contra o espirito reaccionario e anti-progressivo que na sua generalidade orienta o ensino nas nossas escolas superiores.

O *Diario Illustrado* era decorado, digerido á noite depois do chá, para no dia seguinte embasbacar os adversarios, atirando-lhe com esses reles argumentos, sempre naturaes nas folhas do governo, isto é—defendendo-o—.

Mas o *Flecha*, na sua ingenuidade de garoto, na sua ignorancia de marçano, deu-lhes uma lição, quando eu, *intencionalmente* lhe perguntei o que pensava a tal respeito e elle me respondeu que nunca fôra estudante e portanto não podia emittir opinião sobre o assumpto.

E' que a idade não dá intelligencia, os annos não dão dignidade.

Campos Lima, esse bello rapaz, cheio d'energia, amando a verdade, pugnando pela justiça e prégando o amor, não precisa que eu lhe elogie o livro.

Elle ahi está. Leiam-no. Não é escripto por um estudante, que, para encobrir as faltas d'estudo, apregôa aos quatro ventos as malquerenças dos professores, as suas incompetencias intellectuaes e pedagogicas.

Campos Lima sabe trabalhar e conhece bem o valor do seu trabalho.

O ultimo capitulo que é o melhor do seu livro, porque nelle se encerra todo um programma de pedagogia moderna, mostra-nos bem que quem o escreveu estudou a fundo e comprehendeu bem qual é o papel reservado á instrucção — unico meio de resurgimento moral e social de que tanto precisa a sociedade d'hoje.

Campos Lima revela-se-nos ahi, não o criminoso celebre de que é necessario desembaraçar-nos, como o conselho de decanos quer, mas um homem superior que vale bem uma *Faculdade* inteira.

Leiam-no. A fundação da ESCOLA LIVRE, cuja idea ha muito o preoccupa e para a qual elle pede auxilio a todos os que se interessam pela instrucção, é a prova bastante da sua grande alma, da sua nobreza de sentimentos e da sua honestidade.

«Se sois sinceramente pela instrucção livre, desembaraçada de preconceitos, realisada num methodo natural e scientifico, começae, meus amigos, por sê-lo praticamente, dando-a aos outros. Que sempre no exemplo esteve a melhor fórma de fazer fructificar uma idea.»

E' assim que termina o seu livro.

Póde Campos Lima estar certo que d'aqui d'esta acanhada terra de provincia, transpirando intriga por toda a parte, terá, o nosso auxilio incondicional, consoante as forças materiaes e intellectuaes de que pudermos dispôr.

E terminando, dizemos mais uma vez: O livro de Campos Lima ahi está, leiam-no, e cada um mettendo a mão na propria consciencia e comsigo mesmo, aprecie o livro, que, tenho por certo não terá para o auctor e para os que de cabeça erguida entraram nesta desgraçada questão para todos nós e d'ella sahiram limpos na sua dignidade, as palavras d'accinte que, as conveniencias sociaes e os esperados favores governamentaes, obrigam a apregoar por essas lojas — os centros de cavaco.

G.

A questão academica

Em face do procedimento ignominioso da maioria dos academicos portuguezes, que, sem o menor escrupulo, sem consciencia, se vergaram a uma systematica artimanha d'um governo falho da minima noção do que seja a vida intelletual d'uma nação, nós só temos a significar a nossa magua, perante um facto de tal gravidade, d'uma maneira simples, clara, positiva.

Quando uma geração nova que tem por mestres, mentalidades como Teofilo Braga, caracteres como Bernardino Machado, eruditos publicistas como Sampaio Bruno, procede da maneira mesquinha como procedeu a maioria da mocidade portugueza das escolas, ou a raça a que essa mocidade pertence, está falha d'energias, de sentimentos humanos, de dignidade, ou então está atacada da demencia mental, da degenerescencia psichica, que é o symptoma caracteristico da proxima extincção dessa mesma raça. Não admira pois, que ha bem pouco tempo, um quintanista de direito perguntasse quem era Teofilo Braga, e um outro notasse com espanto que um collega da aula, lêsse um livro em francez.

Como Eça de Queiroz nós perguntamos mudando a pergunta, a proposito — Onde está a dignidade da mocidade das escolas da nossa terra? *Esta geração tem o aspecto de ter falhado.*

O governo actual, julgando que, fazendo manter o seu prestigio, fez subsistir uma força moral *necessaria* na socidade, commetteu um crime, ajudando a cahir no lamaçal esses rapazes das escolas que, por uma necessidade do estomago, puramente material, mostraram aos que lá de fóra nos apreciarem que o nosso caracter, a nossa honra, a nossa dignidade, são umas meras palavras.

O movimento academico portuguez de 1907, mostrou bem o que somos, como estamos educados, como calcamos aos pés os sublimes trabalhos que os homens superiores do seculo 19, produziram para gloria da humanidade.

P.

Chronica

—

Para os que escrevemos, n'este meio impossivel de nos fornecer acontecimento de sensação ou, pelo menos d'interesse, uma coisa se nos depara difficil e refractaria: o assumpto.

Os snrs. comprehendem e sabem perfeitamente, que, aqui n'esta terra, onde o Sol doirado nos abraza na sua cabelleira longa, o assumpto é para nós, como uma ave rara, atraz da qual andamos para a possuir.

Tomem uma porção de fructa, e verão que nem toda podem aproveitar. Uma é podre, outra verde, e por certo só da são escolherão.

Ora pude escolher um que me parece ser asado para o momento.

Sexta-feira passada, quem estivesse em Guimarães, surprehendido, estupefacto, boquiaberto perguntaria:

Cahiu o governo?

Será reclame á companhia do Caetano Pinto? e outras interrogações que lhe subiriam aos labios, fatalmente, pelo inesperado do succedido.

De facto, confesso, eu tambem me quedei surpreso, ao assistir ao espectaculo que meus olhos acabavam de presenciar. O que não fiquei foi com os tympanos em bom estado. Algo soffreram.

Mas contemos:

Cahe a chuva fria e molhada em intermitencias. Sobre a retina passa, calcem os senhores o que?

Nada mais, nada menos que as bandas dos Guises e do João Ignacio, esta na sua farda, de vivos encarnados, aquella no azul das suas calças, enlameadas e porcas, a atacarem furiosamente, doidamente, o hymno da Carta!

E' que das altas regiões officiaes tinha descido o exterminio do *calote*, na *lei das pequenas dividas*, segundo resava o «Diario».

N'uma azafama incessante, os *Herodes* do *calote*, quizeram saudar a apparição do carrasco, com manifestações de regosijo e d'estima.

Contrataram-se bandas, disse-se aos fogueteiros que trouxessem o maior numero de fogo. Só as gargantas ficaram mudas, por causa da chuva do *enthusiasmo*.

E o *Calote* donairoso e alegre, que ia ás festas, que levava vida d'esturdia, que, olympicamente, superiormente, zombava das suas victimas, pela primeira vez na sua existencia, olhos tristes e mãos postas em contricção, anteviu os negros dias que o esperavam.

E, emquanto se fazia a glorificação do algôz, ao som do hymno da Carta, sem que dos peitos enthusiastas surgisse esbofados vivas, o Calote, cabisbaixo, chorava, tristemente, as suas maguas e as suas dores...

Guimarães, 4-6-907.

Guilhermino.

A Semana

Regressou de Braga o snr. dr. Antonio Coelho da Motta Prego.

*

Esteve n'esta cidade, de passagem para Celorico de Basto, o nosso amigo Antonio Luiz Machado.

*

Já regressou de Villa Real o snr. Gaspar Mascarenhas, alferes da administração militar.

*

Em Vizella, no Hotel Cruzeiro do Sul, encontram-se os snrs. Condes de Campo Bello e filhos.

*

O governo civil de Braga, concedeu no mez ultimo, passaportes a 320 individuos, sendo 280 varões e 40 femeas.

*

Ao nosso collega *O Jornal de Braga*, foi conferido o diploma de «Grand Prix», na exposição internacional de imprensa, realisada na Belgica.

As nossas felicitações.

*

O primeiro sargento de infantaria 20 snr. Adolpho Vasgão Balaya, foi promovido a alferes, para o ultramar.

Commisssão Municipal Republicana

Em primeira reunião da Commissão Municipal eleita em 26 do mez findo, fez o nosso correligionario A. L. de Carvalho declarações referentes ao assumpto d'este jornal.

D'ellas se traduz que este nosso amigo acceitou a direcção d'este semanario por força de circumstancias, attendendo á necessidade de conservar este baluarte.

Disse mais que trabalhava no intuito de, para o mesmo, obter um director mais competente, o que não se faria demorar muito.

Só depois d'isso e de convenientemente organisado o corpo redactorial elle proporia á Commissão o interesse de chamar a si a sua propriedade e gerencia.

*

Cartas que estão sendo distribuidas, e de cujas respostas nós iremos dando publicidade:

«Ex.mo Snr.—O Centro Republicano de Guimarães levantou ao seu lado uma escola de ensino primario. A' sua creação não presidiu nenhum intuito especulativo: o ensino é gratis e a *todos* accessivel.

A acção da escola, tal a vimos dirigindo, tem um só fim, uma só synthese, e é affectiva: Queremos ver realisado o problema economico da nação, e, mais amplamente, concorrer, tanto quanto possivel, para a felicidade dos homens.

Estamos certos, pois, de que o criterio de V. Ex.ª saberá antepor ás divergencias de partido (que acaso nos separem) a ideia mil vezes superior da necessidade de auxilio que requer esta nossa empreza instructiva.

Egualmente organisamos um gabinete de leitura.

Eis porque vimos pedir a V. Ex.ª um livro, ou uma moeda de cobre.

Pela Direcção, *José Pinto Teixeira d'Abreu.* — Pela Escola, *Francisco Jacintho.* — Pela Bibliotheca, *A. L. de Carvalho.*»

ESCOLA

Anonymo, 300; Serafim Rodrigues, 200; Fernando Vasconcellos Fernandes, 500; José Pimenta, 200; Jeronymo d'Almeida, 200; A. Cunha, 500; José Pinto Teixeira d'Abreu, 500; Antonio Candido de Sousa Carvalho, 20$000 (1); Domingos José de Sousa Junior (2), 10$000.

(1) Thesoureiro da commissão promotora d'uma rifa, cujo producto foi dividido por a nossa instituição escolar e uma associação com caixa de soccorros, tambem d'esta cidade.

(2) Esta importancia sómente será recebida em 31 d'agosto, conforme proposta junta, importancia da qual s. ex.ª extrahe 4$000 reis para serem distribuidos em dous premios eguaes pelos alumnos mais bem applicados.

BIBLIOTHECA

A. L. de Carvalho offereceu: *Discursos Parlamentares*, João Arroyo, 1 vol.—*O Ultimo Cartucho*, D. Bruno da Silva, 1 vol. — *Mathias Sandorf*, Julio Verne, 3 vol. —*Padre Antonio*, José Agostinho, 1 vol. — *Innocencia*, Visconde de Taunay, 1 vol. — *Relampagos*, Fernando Leal, 1 vol.

A. Q. F. offerece: *As Raças Negras*, A. F. Nogueira, 1 vol.

F. D.: *O Sangue*, C. C. Branco, 1 vol.

A. J.: *Podridões Modernas*, Roberto Valença, 1 vol.

Palavras do actual ministro da Fazenda:

Devem os tribunaes applicar os decretos dictatoriaes?

Evidentemente não.

Os juizes applicam a lei (art. 119º da Carta Constitucional). Nenhum cidadão pode ser obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude da lei (art. 145.º § 1.º). Ninguem será sentenciado (sejam quaes forem os tribunaes e a natureza do processo) senão pela auctoridade competente, por virtude da lei anterior e na fórma por ella prescripta (art. cit. § 10.º). Será mantida a independencia do poder judicial (§ 11.º). E' da attribuição das côrtes, fazer leis, interpretá-las, suspendê-las e revogá-las (ar. 15.º § 6.º).

Os juizes applicam as leis; não pódem senão applicar as disposições legisladas pelo poder competente e na fórma estabelecida na constituição.

Reportagem

Assembleia Geral

Para resolver um assumpto de magna importancia, realisa-se domingo na Associação dos Caixeiros uma assembleia geral.

Roubo de gallinhas

Um *cavalheiro* que dá pelo chamadouro de Antonio da Silva, «O Silveira», tem o fraco de apanhar as *penôsas*, cujas capoeiras estejam mal guardadas. Agora constando-lhe que na rua de Couros havia d'estas aves em boas condições de acquisição, foi até lá. E a verdade é que conseguiu *caçar* tres gallinhas e um gallo.

A policia porém, que não lhe admira a vocação porque já o conhece como especialista em roubo de *penôsas*, por sua vez, caça-o tambem a elle, e vai envial-o para a *capoeira* do largo da Misericordia.

Bilhetes postaes illustrados das Taypas

Foram postas á venda collecções completas de bilhetes postaes, reproduzindo dez vistas d'aquellas thermas. Editou-as o snr. José Antunes Machado, arrendatario do estabelecimento thermal.

Beneficio

A actriz Carmen Tainha (Carminda) da companhia do actor Caetano Pinto, realiza no Theatro Salão Artistico, em 13 do corrente, o seu beneficio, com o «Moleiro d'Alcalá». O espectaculo é dedicado á academia de Guimarães, e além de estar o theatro ornamentado a capricho, acresce a novidade de que o snr. Simão Costa, por especial obsequio á beneficiada, desempenhará n'essa noite o papel de «Lucas».

E' razão sufficiente para que o theatro não comporte todo o publico que deseja apreciar aquelle amador.

Roubo

Um tal Joaquim da Costa, que por signal é cabo d'ordens na freguezia de Pinheiro, resolveu dar ao *seu* regedor uma prova de respeito, e ei-lo que lhe entra em casa. Mas para recordação foi trazendo um broche e um par de brincos, a que o *seu* regedor dá o valor de 21$000 reis. Este é que não gostou da partida e fez valer a sua auctoridade, entregando o cabo á policia, que, ainda apprehendeu os brincos e 4$000 reis, porque o broche já tinha *voado*. Má prova de respeito...

Navalhada

O tecelão João Pereira Salgado, casado, do logar do Bacello, freguezia de S. Christovão de Cima de Selho, fez queixa na policia, de que Antonio Vieira, official do mesmo officio e do mesmo logar, lhe havia dado uma navalhada na face esquerda, a ponto de ter de recolher ao hospital onde ficou em tratamento. A policia averiguou da proeza e passou parte para o poder judicial.

Revista d'Arte

A LUA

A lua é em realidade o lampanario magnifico ao qual devemos as noites estivaes, as noites mais formosas, argenteando-nos os ceus e clareando-nos os mares; é aquelle astro amigo cheio de pulchro amôr que enleva os povos cultos e que adoram os povos do deserto; aquella alma luz, nimbo perduravel da esperança, da inspiração e do consolo; aquella musa que invocam todos os poetas, aquella musa que consultam todos os tristes; é a vibração sempre suspirosa em todas as harpas, a nota sempre crystalina em todas as cadencias, a brisa sempre perfumada em todos os corações; é a symbolica, a nitente, a dulcissima expressão da belleza; e, como o Sol é imagem do sublime, a Lua é imagem do bello. O sublime é muito superior ao bello, mas o bello é muito mais humano que o sublime. O sublime é a reverberação flamejante do ideal, da verdade; o bello é a calma rutilação do sublime.

Alves Mendes.

Agradar é já um passo para possuir.

Fontenelle.

Os pescadores

Vão remando e rezando os pescadôres,
requeimados do sol e marezia;
na terra, que se esbate, fugidia,
ficaram-lhes seus lares e seus amôres.

Vida de sobresaltos e de dôres!
se o grande olhar de Deus os não vigia,
o mar, em vez de pão de cada dia,
dá-lhes abysmos, lagrimas, horrores...

Céu amplo. O sol, como uma rosa ardente,
esfólha-se, no occaso, lentamente,
e o mar é um lago de aguas multicôres...

Quasi vasia a rêde—arca sem pão!
Uma estrella sorri... Voltam então,
remando e praguejando, os pescadôres...

Manoel de Moura.

Estatua

Um prodigio de graça e gentilleza
Que se adivinha...Mas bem mais formosa
Quando ella fica em plena natureza,
Perfeita como um marmore,
Para entrar na banheira côr de rosa...

(Das *Aguarellas*).

João Diniz.

A IMPRENSA

A imprensa é a força porque é a intelligencia.

E' o clarim vivo da humanidade: toca a alvorada dos povos annunciando em voz alta o reinado de direito; não conta com a noite senão para, no fim d'ella, saudar a aurora; adivinha o dia e adverte o mundo.

A imprensa é a santa e immensa locomotiva do progresso, a que leva a humanidade para a terra de Canaam, a terra futura, onde não haverá senão irmãos, e por cima de nós o ceu.

A imprensa é a voz do mundo; é o dedo indicador do dever; é o auxiliar do patriota e o terror do traidor e do cobarde.

De todos os circulos, de todos os esplendores do espirito humano, o mais largo é a imprensa; o seu diametro é o proprio diametro da civilisação.

Fallar, escrever, imprimir e publicar, são circulos successivos á intelligencia activa; são as ondas sonoras do pensamento.

Victor Hugo.

Promoção

Foi promovido a capitão o snr. Antonio Augusto Infante, e collocado no regimento de infantaria 19 em Chaves.

Os nossos parabens.

—

Gatunagem

A policia de Braga remetteu para esta cidade o *cavalheiro* Domingos da Costa, o «Mateiro», natural de Guimarães, e accusado do roubo de differentes objectos de ouro, ao snr. José Bernardo d'Oliveira, casado, de Balazar, d'este concelho, cujo roubo se calcula no valor de 50:000 reis.

A policia de Braga apprehendeu parte do roubo, que o gatuno já alli havia vendido, sendo restituidos ao seu dono. A nossa policia vai tomar-lhe contas pelo feito.

—

Insultos

O guarda n.º 20 da policia d'esta cidade, prendeu ha dias Manoel de Mattos, solteiro, da Rua dos Terceiros, por ter desrespeitado a policia e feito alguns desacatos.

—

Vadiagem

Uma tal «Gallega» de 16 annos, amante da boa vida, motivo porque a policia lhe não conhece modo de vida algum, encontrou um individuo que parco em galanteios, lhe dirigiu alguns. Ella acceitou-os, mas como achasse pouco, foi-lhe apanhando algum dinheiro, sem que o *pombo* désse por tal na occasião. O peor, é que depois encontrou-se roubado, e resolveu ir aconselhar-se com a policia. Esta que poz de parte a arte e vocação da «Gallega», pois que já tem feito proezas de igual jaez, mandou-a procurar, e vai fazel-a descançar por algum tempo, para depois voltar a exercer tão *honroso* mistér.

—

O secretario e amanuenses da Camara Municipal d'esta cidade, apresentaram n'uma das ultimas sessões, para entregar ao ministro do reino, uma representação em que justificam e advogam com razões plausiveis o augmento de vencimentos. A actual situação economica é razão sufficiente para que o governo defira tão justa pretensão.

Espectaculos

Theatro Salão Artistico

O Amor de Perdição. — A companhia do actor Caetano Pinto, representou no sabbado ultimo, este drama, em 7 quadros, e accommodado á scena pelo actor Augusto. O romance do inolvidavel Camillo, d'onde foi extrahida esta peça, é muito conhecido, o que nos evita escrever sobre a these do drama. Fallaremos todavia do desempenho.

A actriz Izabel a quem coube o papel de Thereza, papel de bastante trabalho, sustentou-o regularmente. Evangelina, na parte de Marianna, conservou sempre a linha e correcção, que sempre vimos em quasi todas as peças em que entra, e cujos papeis se coadunam com o genero que lhe está a caracter.

O papel de Simão Botelho, que era desempenhado pelo actor Augusto, pareceu-nos com menos energia do que aquella que o actor põe n'este personagem. No entanto conseguiu agradar.

O actor Antunes, deu-nos um João da Cruz muito firme e de que a platéa gostou.

Os restantes artistas concorreram para o bom exito do desempenho. O theatro estava quasi cheio.

A Rainha Santa Izabel.—No domingo representou-se esta peça. Fraca concorrencia, e os artistas á mercê do ponto, como afinal por mais vezes tem succedido, o que resulta n'um desempenho cheio de hesitações e pouco correcto.

Garra de Leão. — Representou-se na quinta-feira esta peça em beneficio dos actores Rego e Guerreiro. O theatro estava quasi cheio e a peça agradou.

A circumstancia de o publico não ir para a theatro antes das 9 e meia, dá o resultado de os espectaculos se estenderem como o de hontem até á 1 e meia da manhã. E' forte, mas o publico só de si deve queixar-se.

Amor de Perdição. — Com este drama, realizam amanhã o seu beneficio o actor Arthur e a actriz Amelia. Que sejam felizes, e o publico vá cedinho.

Gambiarra.

EDUARDO D'ALMEIDA
ADVOGADO
Rua de Gil Vicente

Do Ill.mo Snr. Bernardino Gonçalves Barroso recebemos o seguinte communicado:

Ill.mo Snr. Director da «Alvorada»

Como li no seu conceituado jornal umas referencias á minha pessôa em que se faziam *apreciações* que aliás eu agradeço, porque nada me deslustram, e porque V. S.ª está no campo de fazer apreciações e dar-lhe publicidade, venho pedir-lhe a fineza de no seu jornal dizer mais o seguinte: As minhas declarações escriptas, são verdadeiras; foi e é meu feitio desde que me conheço dizer sempre a verdade. Não costumo mentir. E assim, quanto ao que se diz a tiragem da stearina do bilhete que *dizem falsificado* ser um mez de demora, é menos verdade. Foi apenas de 8 dias, devido ao snr. Antonio Candido de Souza Carvalho se recusar a entregar o premio e adiar continuamente e por bastante tempo essa entrega.

Este senhor viu o bilhete na mão do snr. C. R., limpo, sem stearina, antes e depois do sorteio, e foi o proprio a dizer ao snr. C. R. que o bilhete era o numero premiado, e veio dizer-me que o premio me pertencia. N'estas condições, eu e o snr. Costa Rainha julgamos o senhor Antonio Candido de Souza Carvalho, homem capaz, e depositamos toda a confiança, deixando o premio na mão de esse cavalheiro... cahindo-lhe depois a stearina. Sobre a imperfeição do numero, está tal qual o comprei e entreguei ao snr. C. R. Se está viciado não fui eu que o viciei; o senhor Antonio C. S. Carvalho foi quem numerou os bilhetes, e ainda como interessado, considero-o suspeito.

O snr. Souza Carvalho, mandou offerecer por seu pae, homem de bom caracter, a quantia de 5$000 reis pelo bilhete, o que o snr. Souza Carvalho agora não diz.

O publico apreciará como entender; eu estou no campo, campo de seriedade.

Se esta questão veio a publico, não sou eu o culpado, porque para tal não dei motivos nem concorri; antes a commissão o fez primeiro em diversos jornaes, e o senhor tambem, com os avisos em que envolviam a minha humilde pessôa.

E como o senhor entrou de novo n'esta questão, não estará bem orientado no assumpto, e por conseguinte não o podia tratar quanto mais discutil-o. Isso porém é o menos.

Emquanto ás apreciações da minha intelligencia, não me encommoda muito; consola-me a ideia de que ha muita gente que se não conhece e ao menos eu conheço-me.

Muito grato lhe ficarei pela publicação do que fica escripto

e sou de V. S.ª
criado muito obrigado

Bernardino Gonçalves Barroso

Guimarães, 5—6—907.

ALVORADA
SEMANARIO

ASSIGNATURAS

Portugal, ilhas e colonias:
Anno 750
União postal:
Anno . . . . . 2$000

Cobrança feita pelo correio, mais 50 reis.

Annuncios e communicados, por contracto.
Pagamentos adeantados.

Os assumptos de administração podem ser tratados na **Typ. Minerva Vimaranense.**

Nova Mercearia Traz de S. Paio
DE
Avelino de Faria Guimarães & C.ª
Guimarães
Generos de primeira ordem—Preços sem competencia

Grande sortido em arrozes, bacalhau, chá, café moido á vista, etc. Azeite das melhores procedencias.

Vinhos finos de diversos preços, bolacha, manteiga fina a retalho e em latas, conservas, e artigos de papelaria.

Ao Guarda-sol Elegante

Deposito de Guarda-soes e Bengalas

Novidades da estação

Rua da Rainha—Guimarães

Joaquim Lopes de Carvalho

GRANDES ARMAZENS DO CHIADO

E' a nossa casa que mais barato vende; porque vende muito. Além das vantagens que os nossos clientes auferem, outras se lhes offerecem na probabilidade de bons premios.

O agente em Guimarães,
A. J. Gonsalves.